

O NOME PROFISSIONAL “BIBLIOTECÁRIO” NO BRASIL:  
o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do  
século XX

*THE PROFESSIONAL DESIGNATION "LIBRARIAN" IN BRASIL: the effect of  
the social and economic changes of the last years of XX century*

[Francisco das Chagas de Souza](#), Doutor  
Departamento de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO**

Apresenta parte da análise construída sobre o tema identidade profissional, realizada a partir da teoria social apoiada na perspectiva interacionista de Berger e Luckmann, comunicacional/discursiva de Habermas e representacional de Moscovici. Tem foco central nas interações comunicativas e na ordem do discurso que elabora a concepção de rótulos como sociedade da informação e/ou sociedade do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade profissional. Papel social bibliotecário. Interação social.

**1 INTRODUÇÃO**

Uma questão que nos últimos anos tem sido recorrente, sobretudo a partir da metade da década de noventa do século XX, diz respeito à busca de identidade profissional por parte das pessoas que portam a profissão de bibliotecário no Brasil. Aliado a isso apresenta-se também a mesma questão com relação à identidade daqueles que portam uma certa profissão da informação.

As investigações sobre o tema têm-se desviado da construção de uma discussão suficiente para se formar um entendimento e uma explicação da transposição do nome profissional “Bibliotecário” para a designação “Profissional da Informação” e isso tem-se prestado a debates que tendem a se alongar na superfície do problema, que não é de ordem semântica. Tal atitude despreza as fortes implicações políticas que podem estar por trás de um propósito de enfraquecimento de um projeto de profissão como a do bibliotecário que tem o potencial de auxiliar a sociedade brasileira a dispor de infra-estrutura intelectual capaz de promover a distribuição do saber acumulado de forma mais equitativa.

Tomada uma expressão hoje corrente em reuniões de profissionais bibliotecários e de estudantes de Biblioteconomia brasileiros: “Busca de identidade pelo profissional da Informação”, e o âmbito e pouca profundidade da discussão, pode-se perceber menos a busca

da compreensão da missão que incumbe ao coletivo bibliotecário e mais uma busca de abertura de portas, a qualquer preço, no espaço chamado mercado profissional.

Considerando que esta discussão se origina, no Brasil, como decorrente da forte reinserção e predominância do modelo econômico liberal no país, na década de noventa do século XX, formulou-se a questão de qual ou quais efeito(s) a reinserção deste modelo estaria provocando sobre os portadores da profissão de bibliotecário, ao atingir o miolo da definição do conteúdo do seu papel social.

O propósito deste artigo é trazer, para contribuir com o debate, o resultado de uma etapa da análise realizada, sobre o tema, a partir da teoria social apoiada na perspectiva interacionista de Berger e Luckmann, comunicacional/discursiva de Habermas e representacional de Moscovici. Tal base teórica, que tem nas interações comunicativas o seu fulcro, vem sendo reforçada sistematicamente no contexto brasileiro e encontra consistentes análises acerca das razões de existir destas ciências da comunicação em reflexões de Muniz Sodré e de outros estudiosos das Ciências da Comunicação. Estas ciências, por serem, como campo de reflexão, a expressão de um novo modelo de organização social, que tem a substância no discurso, reforçam e aprisionam a sociedade em slogans como Sociedade do Conhecimento / Sociedade da Informação.

## **2 BUSCA DE IDENTIDADE PELO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO**

Cabe iniciar a discussão, problematizando a expressão “Busca de identidade pelo profissional da informação” considerando que ela embute, pelo menos, duas interrogações:

- i) o que queremos entender quando dizemos a expressão PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO?
- ii) o que podemos dizer quando externamos a expressão BUSCA DA IDENTIDADE?

No caso da primeira interrogação, a depender do discurso e do lugar de onde (profissional, política ou ideologicamente fala o seu autor), Profissional da Informação pode ter dois significados: a) é composto por vários papéis profissionais já estabelecidos social e economicamente, incluído o bibliotecário ou b) é um novo papel profissional que está se estabelecendo social e politicamente a partir dos anos noventa ou no contexto em que se

constrói a tal Sociedade da Informação ou do Conhecimento ou da Informação e do Conhecimento.

No caso da segunda interrogação, BUSCA DA IDENTIDADE pode querer significar um sujeito humano que faz uma busca predominantemente psicossocial para afirmar sua condição humana ou, no caso em discussão, significaria que há um sujeito por trás de um papel, desejando encontrar os fundamentos para delimitar ou dizer claramente os contornos de seu campo de atuação e sobrevivência, por representar seu capital de participação no universo das relações de trabalho. Assim, é provável que, nesta situação, este sujeito esteja a propor uma nova definição sobre sua posição no mundo objetivo do trabalho, isto é, afirmando inequivocamente uma percepção própria do papel profissional que carrega e, portanto, de seu potencial para atuar num coletivo cujo fim último é a geração de renda e bem estar social.

Como um parêntese, é preciso observar neste ponto, que se está dizendo algo discutível de outro ângulo de abordagem, ou seja, de que um papel sócio profissional não existe por si próprio, e em si nada busca, mas a questão ainda é mais funda: um papel sócio-profissional só pode existir se e quando tem um discurso que afirma qual o seu fazer, o como é possível dar conta deste fazer, ou seja, com quais instrumentos e com que condições tal papel pode ser exercido. Dessa maneira, parece que papel sócio-profissional buscar identidade seria algo surrealista.

Assim, por semelhança, a questão da busca de identidade seria dita de outra forma se reportando, principalmente, às preocupações de pessoas que portam a profissão de bibliotecários e de candidatos a portar esta profissão.

O entendimento mais racional é que o nome profissional Bibliotecário admite que um papel social, o qual se define por um nome ou uma expressão, tem os atores concretos, sujeitos reais, que os dinamizam e são esses sujeitos que vão inserir em suas preocupações, quando se torna historicamente necessário, a redefinição do conteúdo e do nome do papel que representam perante a sociedade. Além disso, a tematização do nome Profissional Bibliotecário, para discussão, foi inserido pela primeira vez em um CBBB, no vigésimo, realizado em Fortaleza no ano 2002, em uma mesa de Debates e ali se propôs e foi acatada a recomendação de que este tema tivesse a ampliação de sua discussão pelo País. Desde então já ocorreram outros eventos que o abordaram.

### 3 NOME PROFISSIONAL

Nome profissional designa identificação genérica socialmente atribuída a um conjunto de funções interrelacionadas executadas por pessoas que as adquirem como habilidades intelectuais e/ou operativas com base em preparação acadêmica ou por meio de treinamento e estágios de aprendizagem. As habilidades necessárias à execução de funções em dada sociedade e tempo são reescritas ou redefinidas por várias razões, dentre elas as novas descobertas científicas e as novas aplicações tecnológicas, por um lado, e por outro lado, as decisões econômicas e políticas.

Funções, que também podem ser ditas papéis, dão a identidade social do grupo profissional. Buscar a identidade profissional é a constante na vida de todas as pessoas. Afirmar a cada dia suas habilidades na execução das tarefas significa concretamente oferecer de forma consciente o melhor resultado que cada usuário de seu serviço pode obter. Nisso se está afirmando a interação de um profissional com um usuário cujo resultado será a melhor resposta para este usuário que o profissional pode dar para uma questão por ele apresentada. Em termos sociais essa interação dá-se por meio do processo de comunicação cujo instrumento é um discurso, que vem da noção de decurso (tempo em que decorre uma conversação, que é fala e produção, que é um conjunto de atos cumpridos num espaço e tempo). Assim, a identidade profissional resulta diretamente da acima referida identificação genérica socialmente atribuída a um conjunto de funções interrelacionadas executadas por pessoas que as adquirem como habilidades intelectuais e/ou operativas com base em preparação acadêmica ou por meio de treinamento e estágios de aprendizagem. Desse ponto de vista, a discussão por pessoas que portam ou se candidatam a portar um dado papel profissional não se esgota no seu próprio espaço; ela inclui este espaço, interage com o espaço dos usuários sobre a percepção que têm desta questão e se insere no dia-a-dia do fazer profissional, justamente por estar inteiramente envolvida pela totalidade do agir comunicativo.

De outro lado, essa discussão revela as representações que os membros de uma sociedade têm sobre certas funções a serem realizadas no seu âmbito. Quais as representações coletivas e/ou sociais que fazem dos benefícios a serem tirados de uma determinada atividade? Dito de outra maneira, em uma sociedade predominantemente iletrada a questão da identidade profissional do bibliotecário ou caso se queira, do profissional da informação, não é posta em debate, pelo simples fato de que as necessidades concretas dessas sociedades não determinaram a identificação genérica de funções simples ou complexas que pudessem ou

devessem ser executadas por pessoas que para isso foram adquirir habilidades intelectuais e/ou operativas ainda que com base em treinamento ou estágios de aprendizagem.

Se admitir-se que se está falando de interação social como motor para a definição de papéis sociais e, portanto, das profissões, embute-se a idéia de que a realidade pode ser tomada como uma construção social que pode se tornar muito complexa ou, por muitos anos, permanecer num estágio aproximadamente estável mas nunca totalmente estável. Para mais ou para menos, sempre estão em jogo os papéis sociais dos quais as profissões são a mais forte expressão. O universo profissional contém ainda hoje atividades, em contextos sócio-econômicos e em lugares diferentes, que existiam muito antes do período em que se definiram as profissões ditas modernas, que se estabeleceram pela necessidade social explícita a partir dos século XIX, como a de Bibliotecário. Muitas profissões surgem, morrem ou se redefinem conforme o movimento das diferentes sociedades nos diferentes lugares e tempos e correlacionados com a necessidade de criação e aplicação de conhecimentos novos e, em consequência, dos novos instrumentos criados no interior da comunidade/sociedade.

#### **4 EFEITO DAS MUDANÇAS SOCIAIS NO FINAL DO SÉCULO XX**

As mudanças sociais e econômicas que viu-se acontecer nos últimos anos do século XX, decorrentes de novos arranjos políticos (por exemplo pela hegemonia política, econômica, científica e tecnológica dos EUA em simbiose com os organismos multilaterais – Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio e outros – e associado com a sua liderança na criação de modelos de armazenamento, controle e gestão de informações), representam a tendência de hegemonização de um discurso diferente do até então predominante sendo produto e produzindo, num processo autoreferenciado e circular, muitas mudanças no instrumental tecnológico disponível para a produção econômica industrial mundial e para a tecnologia de gestão de negócios e serviços, isto é, na reconfiguração dos discursos dos poderes patronais, e também militares, com forte impacto nos discursos do trabalho e das profissões. Em outras palavras, surgem novos discursos sobre as relações sociais e sobre os fazeres, especialmente nos países agora chamados de economicamente “emergentes” como é o caso do Brasil. O grande efeito dessas causas é um assustador estonteamento sofrido por parte de alguns conjuntos de pessoas atreladas a certos papéis socialmente atribuídos como profissões sobre o seu lugar de atuação neste novo espaço deste tempo recente. E isto vem, sobretudo, por uma percepção de que a instrumentação

tecnológica modifica a essência de seus fazeres. Embora respeitável, essa percepção vê muito limitadamente a estrutura que articula as respostas que uma sociedade espera obter das profissões e com ela não dá para concordar sem discussão. Na prática, as recentes tecnologias adotadas em/por todos os segmentos da sociedade apenas facilitam as ações de um mesmo fazer que atua otimizando resultados, reduzindo custos, eliminando etapas tidas, pelos donos do capital, como desnecessárias nos procedimentos de construção das respectivas respostas, sem contudo modificar a razão de ser da atuação de todo papel profissional que é dar um atendimento satisfatório a uma demanda humana diretamente para as pessoas ou indiretamente através das organizações às quais elas estão ligadas.

Neste ponto da análise, chega-se ao assunto específico com que, neste artigo, pretende-se, num primeiro momento, ultrapassar a superfície da questão. Esse assunto poderia ser apresentado com o título: *o estonteamento de pessoas que portam a profissão de bibliotecário no Brasil quanto à extensão e intensidade das ações que realizam socialmente e as impressões que causam nos estudantes de Biblioteconomia em formação acadêmica na universidade.*

#### **4.1 O que é esse estonteamento em termos concretos?**

Pode-se afirmar que esse estonteamento é a expressão objetiva que vem da progressiva ruptura da centralidade do Estado providente que predominou nas democracias européias ao longo de quase todo o século XX como resultado do confronto entre os crentes do Capitalismo Econômico Privado com os formuladores e guardiões do discurso do Capitalismo Econômico de Estado, dito Socialismo, que passou da teoria, sobretudo marxista, para uma forte tentativa prática com a implantação do estado soviético que perdurou de 1917 a 1989. A ruptura da experiência soviética ao reduzir o discurso dual entre os dois modelos de estado e sociedade, aparentando dar uma certa razão aos que afirmavam a excelência do modelo de Capitalismo Econômico Privado fez renascer a insegurança individual, com a instabilidade nas relações de trabalho e emprego, desregulamentação (ou descredencialização) profissional, mercantilização exacerbada da Educação Universitária transformando quase que toda e qualquer prática, mesmo associada a profissões estabelecidas, em objeto de construção de currículos com a promessa embutida de formação, certificação e base para a corporalização profissional. É esse quadro, portanto, transportado da experiência do liberalismo econômico que enraíza um discurso da prevalência do estado regulador (que normatiza o que será feito) eliminando o estado credencialista (que confere autoridade a quem deve fazer).

Na experiência profissional brasileira, grupos de pessoas portadoras de certas ocupações ou profissões, sobretudo após o governo Vargas, demandaram e muitas obtiveram do estado, pela conquista de Legislação própria, o credenciamento de seus papéis como de exclusivo exercício por quem estivesse registrado nas entidades previstas na respectiva carta legal, materializadas institucionalmente como Conselhos Profissionais ou Sindicatos de Trabalhadores conforme o caso. As profissões constantes na figura 1 abaixo obtiveram esse credenciamento. O volume de credenciamentos mostrado no Gráfico 1 adiante evidencia a tendência, a partir dos anos setenta e oitenta, da progressiva despreocupação credencialista do Estado Brasileiro nos anos noventa. Havia critérios mínimos para a obtenção de tal credenciamento. No caso de certas profissões o critério mais básico era a apresentação ao respectivo Conselho Profissional do título de bacharel obtido em um curso universitário validado por registro feito em livro próprio de uma Delegacia do Ministério da Educação ou Estabelecimento delegado, em geral, as Universidades.

**Figura 1 - Profissões regulamentadas – época da regulamentação:**

---

ANOS 20 (1)

1929 - corretor de navios

ANOS 30 (2)

1930 – Advogado

1932 – Leiloeiro

ANOS 40 (2)

1943 - Intérprete (tradutor público)

1946 - Contabilista

ANOS 50 (12)

1951 – Economista

1952 - Empregados de carros-restaurantes de estradas de ferro

- Artista (teatral)

1953 - Corretor de fundos públicos

1954 – Arrumador

- consertador de carga e descarga

1956 – Químico

1957 – Agrimensor

- Assistente social

- Cabineiro de elevador (ascensorista)

- Empregados vendedores, viajantes ou praticistas

- Médico

ANOS 60 (27)

1960 - Farmacêutico

- Músico

1961 – Leiloeiro rural

- Massagista

1962 - Aeroviário

- Bibliotecário

- Biólogo e Biomédico

- Conferente de carga e descarga

- Geólogo

- Psicólogo

1964 – Corretor de seguros

- Odontologista

Continuação

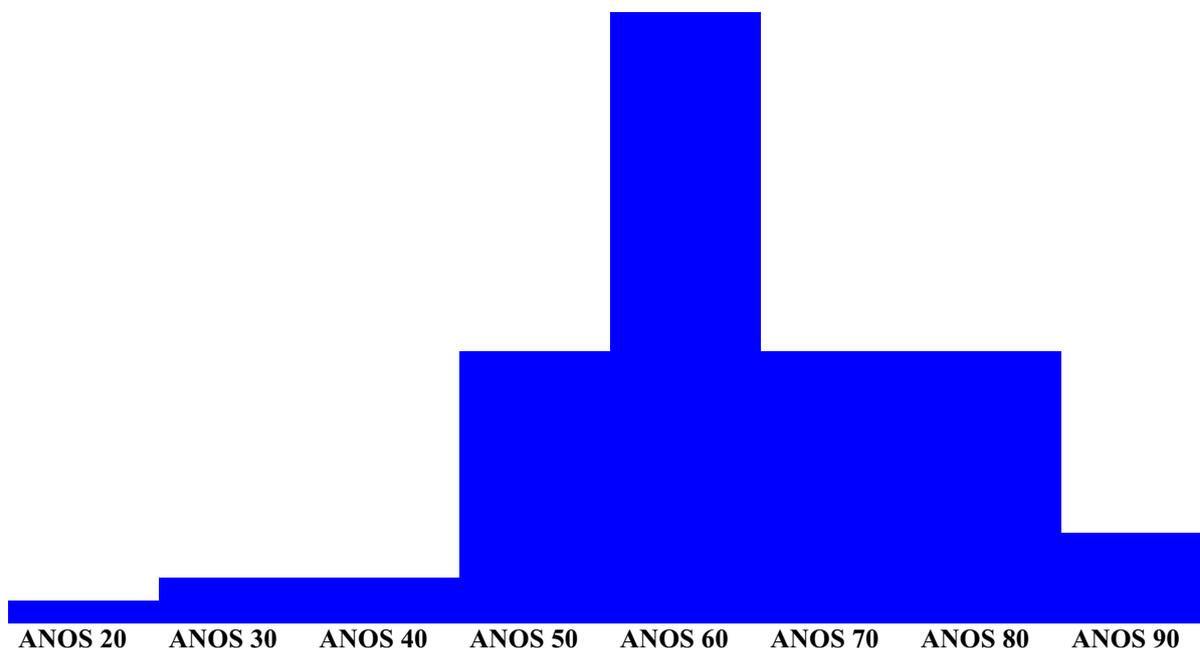
**Figura 1 - Profissões regulamentadas – época da regulamentação:**

---

- 1965 - Carregador e transportador de bagagens  
- Estatístico  
- Publicitário  
- Representantes comerciais autônomos  
- Técnico em Administração
- 1966 - Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo
- 1967 - Pescador  
- Relações públicas
- 1968 - Médico Veterinário
- 1969 - Orientador educacional  
- Técnico industrial  
- Zootecnista
- 1969 - Atuário  
- Fisioterapeuta
- Jornalista profissional
- ANOS 70 (12)
- 1972 - Empregado doméstico
- 1973 - Agente autônomo de investimento  
- Enfermeiro
- 1975 - Guardador e lavador de veículos
- 1976 - Atleta de futebol
- 1978 - Arquivista  
- corretor de imóveis  
- Nutricionista  
- Radialista
- 1979 - Analistas clínico-laboratoriais  
- Geógrafo  
- Técnico em prótese dentária
- ANOS 80 (12)
- 1980 - Despachante aduaneiro  
- Meteorologista
- 1981 - Fonoaudiólogo
- 1982 - Biólogo  
- Biomédico
- 1983 - Vigilante
- 1984 - Aeronauta  
- Museólogo
- 1985 - economista doméstico  
- Engenheiro de segurança  
- Secretário  
- Técnico em radiologia
- 1987 - Mãe social
- ANOS 90 (4)
- 1993 - Guia turismo  
- Treinador de futebol
- 1998 - Desportista  
- Profissional de educação física
- 

Fonte: <http://www.mtecbo.gov.br/> (regulamentação)

Gráfico 1 – Volume de profissões credenciadas no Brasil, décadas dos anos 20 a 90 do século XX



A implantação do estado liberal recente, que ocorreu no Brasil a partir do Governo iniciado em 1990, começa a modificar esta posição de estado implantada desde os primeiros anos de década dos 1930, com o Governo anunciando em vários momentos dos anos da última década do século que nenhuma profissão nova obteria este mandato ou credenciamento e seriam feitas revisões com relação às profissões já então mandatárias de uma dita “reserva” de mercado ou, especialmente, não atualizando os termos de seus mandatos legais – Leis e Decretos profissionais – situação que ocorreu na sanção da Lei nº 9674, de 26 de junho de 1998, a famigerada “Lei dos Vetos”, da profissão de bibliotecário.

Foi então, por um lado, pela memória de que cada novo curso universitário pode gerar uma nova profissão de mercado exclusivo para seus titulados e, de outro, pela desregulamentação (descredenciamento) das profissões e, além disso, pela nova fórmula social do individualismo profissional (cada profissão por si) decorrente da expressão liberal econômica e política em voga após a queda do Muro de Berlim em 1989, assumida pelas elites brasileiras e pós-Collor, que surgiram e se acentuaram as preocupações com a “identidade” profissional dos portadores da profissão de Bibliotecário.

Contudo, além de tudo isso, a queda do ciclo histórico da Ditadura Militar brasileira, que vigiu de 1964 a 1985, reforçou a penetração e expansão do liberalismo econômico que fortaleceu a circulação de idéias sem a reserva de antes. Uma idéia que chegou com muita força no ambiente de discussão profissional bibliotecário brasileiro e foi assimilada como um

mandado, porque já fora adotada como um discurso de certa circulação nos países hegemônicos, atendia pelo nome de Moderno Profissional da Informação. Naturalmente que no contexto original era uma concepção associada à atuação de uma entidade internacional – FID [Federação Internacional de Informação e Documentação] - que congrega profissionais que atuam com a geração e gestão de informações especializadas e para subsidiar o mundo das empresas e dos negócios, cuja filosofia de trabalho difere da IFLA [Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Entidades], cujo objetivo é congrega profissionais que atuam com a geração e gestão de informações de alcance social, educacional e cultural geral, mais representativo das bibliotecas públicas, escolares e das informações de sentido comunitário.

É claro que a complexidade das relações nessas sociedades em que o modelo da FID se estabelece e reúne papéis sociais profissionais específicos não exclui os papéis profissionais tradicionais dos bibliotecários. Nelas também atuam a IFLA, as entidades relacionadas e os papéis sociais profissionais de bibliotecários. Apesar de se saber que o sentido dado nessas sociedades a esses papéis faz com que eles sejam tomados como complementares e desse modo sejam vistos e valorizados pelo que as pessoas que os portam oferecem às respectivas sociedades que as têm, sabe-se que nessas sociedades essas pessoas também discutem as modificações que o novo contexto mundial impõe à maioria das profissões. O que parece diferente é que a discussão passa por outros aspectos, por exemplo, sobre o que fazer e o como fazer. Sobre como incorporar e os modos de incorporar tecnologias e afirmar através das próprias práticas profissionais o seu lugar social. E isto é o construir permanentemente a identidade profissional.

#### **4.2 Por que então os atores de uma profissão estão buscando sua identidade?**

No contexto em análise, essa é a forma de expressar a disposição de receber da sociedade a indicação das novas missões que devem agregar às suas funções. O que a sociedade sente como necessidade e a quem vai atribuir a competência para executá-las? Ou havendo novas necessidades e as experiências existentes demonstrando que determinados grupos, por suas intervenções políticas e suas formas de atuação, não podem corresponder adequadamente oferece-se a um novo grupo. Mas um novo grupo de pessoas que constitui uma nova profissão não surge de algum lugar pronto e acabado. Como expressão da construção social, uma nova profissão historicamente vem, em geral, do fracionamento de um grupo pré-existente (como administradores que derivaram sobretudo de engenheiros, por exemplo, ou bibliotecários que derivam dos antigos escribas que eram também os

escriturários-secretários-arquivistas). Mas aqui se está considerando que se tem a discussão de um grupo que quer saber o que a mais podem pedir dele como atuação profissional. Volta-se aqui, outra vez, para a questão da representação, isto é, o que o coletivo fala como necessidade sua que pode ser atendida pela atuação de um grupo profissional constituído. E assim, coloca-se em debate que a competência mais significativa para que um grupo em busca de sua identidade tenha sucesso é a da comunicação, pois ao saber utilizar adequadamente os instrumentos associados a essa competência obterá uma possível certeza de que a busca da identidade é a permanência do bom exercício de suas atribuições e a manifestação de sua presença em todos os espaços de formação de uma representação desse grupo profissional para toda a comunidade/sociedade usuária. Vale para esta situação a noção de que a identidade profissional não existe como um traço estático, cristalizado, ela é um raio de luz rebrotando permanentemente de um ponto de origem. Esse ponto de origem é o grupo profissional, porém cada ação que realiza, a cada momento, é interpretada singularmente pelo seu interlocutor ou usuário. A identidade profissional só se realiza e cada vez – milhões de vezes – pela presença do usuário que só existe na relação e em cada relação que se estabelece. Desse modo, apenas um viés de gestão e um viés didático pode pretender congelar a figura de um usuário. Isso remete, portanto, para discutir a extensão ou abrangência e a intensidade das ações que são realizadas pelas pessoas que portam a profissão de bibliotecário no Brasil.

#### **4.3 Qual a extensão e intensidade das ações socialmente realizadas pelas pessoas que portam a profissão de bibliotecário no Brasil?**

Acerca desta interrogação, pode-se dizer que a extensão e intensidade das ações serão aquelas de decorrem das solicitações feitas pela sociedade. Mas o que é a sociedade? Como ela se expressa em relação às suas necessidades? A partir de uma conceituação mais ampla, pode-se afirmar que a sociedade é o complexo dos desejos, interesses e necessidades das pessoas organizadas através das instituições por elas criadas para dar expressão a essas manifestações humanas. Ela se expressaria quanto ao poder, quanto a economia, quanto a educação, quanto a saúde, quanto a cultura e todas as outras manifestações humanas com as organizações ou entidades que institui para isso. Ela instituiu em certos lugares o estado, o partido, o tribunal, a escola, o banco, o casamento, os instrumentos da comunicação de massa e da leitura, etc. De outro modo, pode-se afirmar que a sociedade é a expressão final de um complexo comunicativo que se materializa nos arquivos estatais e empresariais, históricos ou correntes; nas bibliotecas; nos centros armazenadores e difusores de informações especializadas; nos shows e espetáculos; nas feiras e exposições; nas salas de aulas, etc.

Nesse complexo comunicativo, relacional, interativo, em que o exercício de uma atuação profissional suporta a busca do sentido desejado por cada pessoa, os portadores do papel social de bibliotecário têm uma ampla demanda e uma intensa participação, sobretudo se for considerado que o papel social de bibliotecário carrega a expressão de duas missões básicas: a) conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não, que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa. É a capacidade operativa do papel social de bibliotecário em atender a essas duas missões, cumulativa e simultaneamente, que faz com que as pessoas que são bibliotecárias sejam reconhecidas como prestadoras de serviços relevantes.

Num olhar mais dirigido, pode-se dizer que cada sociedade ou grupo social terá um atendimento extensivo e intensivo na razão direta com que percebe o alcance daquilo que lhe pode ser ofertado. Por exemplo, no âmbito da informação fornecida pela biblioteca pública, comunitária ou escolar em uma comunidade muito pequena, distante dos grandes pólos de produção de bens e serviços, economicamente simples, o pedido de serviços profissionais bibliotecários tende a ser pouco complexo e a quantidade de serviços demandados tende a ser de pequena monta. O mesmo se pode imaginar com relação a demanda em uma escola instalada na zona rural onde predomina a cultura de subsistência econômica. Ao contrário, centros de informação e documentação estruturados para atender a grandes negócios industriais, financeiros, organizações de pesquisa e desenvolvimento tecnológico têm uma demanda com tendência a ser mais alta não apenas na quantidade de pedidos mas também na complexidade da informação sintética que requer e na exigência de que esta tenha em sua geração a agregação de mais fontes para a construção da informação.

De certo ângulo de visão, a extensão e intensidade das ações socialmente realizadas pelas pessoas que portam a profissão de bibliotecário no Brasil, dadas pela missões acima explicitadas, ainda não têm similaridade com as operações que uma pessoa bibliotecária realiza em países cuja economia tem a diversidade e o porte daquelas que existem nos Estados Unidos da América, Canadá, Japão, Alemanha, etc. São comparativamente muito distantes. Contudo, com a reinserção no Brasil do modelo liberal econômico como cultura empresarial, que contribui para que os padrões profissionais se modifiquem por uma certa ideologia da autosustentação das profissões e, ao mesmo tempo, necessita desses

profissionais, dentre eles os bibliotecários, vê-se o esforço de uma busca de resignificação para os conteúdos que seu papel tinha até então.

## **5 IMPRESSÕES QUE ESSE ESFORÇO DE RESIGNIFICAÇÃO CAUSAM NOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA.**

Para além de uma metáfora, impressões são entalhes ou cortes que penetram em uma superfície e que ocorrem quando tais superfícies são submetidas a um processo de afundamento pré-definido de sua casca. A rigor aqui se tem uma representação de origem física querendo afirmar que o estudante de Biblioteconomia estaria sentindo a ruptura de uma percepção de estabilidade dos marcos ou limites de atuação de uma profissão em que ele está apostando como seu espaço no mundo objetivo e como seu capital intelectual futuro. Na verdade, ele sente a ruptura da idéia de estabilidade desses marcos e tão mais acelerado quanto mais complexo for o ambiente sócio-econômico da região onde ele está inserido. E essa ruptura tem muitas frentes: o discurso escrito que fala em flexibilização profissional; o discurso da pessoa já profissionalizada que perde seu emprego quando procedimentos automatizados passam a ser incorporados pelo setor onde atua e ela não se adapta a essa nova modalidade de instrumentação; a falta de oferta de mais empregos com contratos duradouros para os recém “formados” no curso que escolheu. Aqui, dentre outros, quatro fenômenos com implicações negativas têm surgido nas preocupações tanto de muitas pessoas que hoje são profissionais bibliotecários quanto de estudantes em cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a) cada vez mais reduz-se o mercado de empregos, apesar da expansão da necessidade de trabalho; b) não há “fôrmas” no processo de acumulação e assimilação de conhecimentos que preparam para um papel a ser exercido como profissão no futuro; c) o diploma de graduação, ou de qualquer outro nível, obtido na universidade, não é mais garantia de domínio de tudo o que se precisa saber para ser um profissional no futuro; d) a instituição universitária não é mais o espaço que outorga, com o diploma, um documento que favorece a ascensão social.

Dentre tantos outros, esses novos significados que se apresentam para as pessoas que direta e indiretamente situam-se socialmente em papéis profissionais são então impressões em uma casca invisível que cada um tem em si, que é a perspectiva de futuro, e se traduz em uma questão: que futuro pessoal pode-se ter como um portador de um papel profissional que se

redesenha tão profundamente que não parece vir a ser no futuro semelhante ao que sempre parecera ser?

É na resposta a esta questão que parece situar-se a chave deste caminho analítico. Exceto pela intensificação operacional dada pelo uso progressivamente intenso das recentes tecnologias de Informação e Comunicação — que devem ser absorvidas como um domínio instrumental qualificado para as operações mecânicas do agir profissional das pessoas bibliotecárias — a essência, a motivação mais interior dessas pessoas, o que as faz irem em busca do domínio dos conhecimentos para o exercício desse papel profissional, parece cristalinamente imutável. Pode-se afirmar que o núcleo central que define o papel do bibliotecário, que é dado pelas missões básicas acima referidas, permanece e permanecerá imutável.

O que surge na problematização, nem sempre de modo muito claro, é o pensamento sistemático, porém diverso, sobre o conteúdo e a metodologia de ensino-aprendizagem que se deve empregar na preparação escolar universitária da pessoa que virá a ter o papel de bibliotecário. E associado a isso, a pretensão de várias origens de dar novas tintas, novos nomes para o mesmo papel, ou promovendo a segmentação do papel. E provavelmente este momento de resignificação, no Brasil, não parece pedir isto. O que há é uma expectativa de que o papel social bibliotecário cumpra, de fato, suas missões: a) conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética descritiva e analítica de todo o acervo físico ou não que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa.

A respeito disso, o que cabe refletir é se o portador do papel de bibliotecário está humanamente preparado para cumprir com essas missões em qualquer situação ou ambiente, independentemente do instrumental tecnológico que lhe for colocado em mãos. Se ele não sabe ou não quer operar as recentes tecnologias da informação, comunicação e gestão para fazê-lo ou não sabe ou não quer utilizar velhas tecnologias da informação comunicação e gestão para tal o problema passa a ser outro e tem o nome de inaptidão para viver e trabalhar num mundo de mudanças aceleradas e isso poderá ser estudado num trabalho empírico mais adiante.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome profissional “Bibliotecário” está em discussão e tudo indica que deve continuar em discussão pelo fato de que o problema de sua significação não está na substância das ações socialmente cumpridas pelos portadores deste papel. Não se procura a identidade profissional para o nome “Profissional da Informação” até porque é ambíguo o significado/conteúdo que lhe possa ser atribuído. O que parece estar acontecendo é uma tentativa de mudança de “rótulos” e isso é o que o discurso liberal tem feito nos anos da década de noventa do século XX: o desemprego passa a chamar-se flexibilização; a negação de direitos profissionais passa a chamar-se desregulamentação, etc.

Há questões que aqui podem ser formuladas: os portadores da profissão de bibliotecário no Brasil têm a clareza das razões pelas quais se propõe a eventual mudança no nome profissional? Têm consciência das implicações sociais da mudança desse nome? Têm noção do tempo histórico já investido na construção desse nome profissional e do tempo que levaria para dar força e aceitação social a um outro nome profissional? E se novas mudanças tecnológicas futuras “acizentarem” um novo nome profissional daqui a alguns anos vai-se propor novos nomes?

Por semelhança, pode-se ver o caso em outras categorias profissionais: será que a solidez aparente dos nomes profissionais: Médico, Engenheiro, Advogado, etc., não decorrem das ressignificações advindas das mudanças teóricas, metodológicas e tecnológicas terem sido incorporadas como subordinadas ao nome principal, ex.: Médico-oncologista; Engenheiro-mecatrônico; Advogado-ambientalista?

Quarenta e dois anos da construção do nome profissional “bibliotecário” no Brasil, a partir da regulamentação legal, é pouco tempo histórico para autorizar a busca de uma mudança nesse nome profissional. Um nome profissional, quer-se queira, quer não, é um patrimônio de um coletivo social. Pode-se jogar fora um capital dessa dimensão, ainda em construção, apenas pelo modismo trazido e estimulado no país pela nova onda liberal?

Essas são questões que a ordem do discurso coloca aqui!

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M. T. Sobre “sociedade do conhecimento”: um labirinto uma saída. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 152, p. 33-42, jan./mar. 2003.

BARBOSA, M. Lígia de O. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil. **Tempo Social**, v.10, n. 1, 1998.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, Th. **A construção social da realidade**; tratado de Sociologia do Conhecimento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1999.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 3 v.

CASTRO, C. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CHESNEAUX, J. **Modernidade-mundo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DINIZ, M. Repensando a teoria da proletarização dos profissionais. **Tempo Social**, v. 10, n. 1, 1998.

DREIFUSS, R. A. **A época das perplexidades**: mundialização, globalização e planetarização - novos desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.

DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

ELIAS, N. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **R. Bras. de Ciências Sociais**, v. 11, n. 31, p. 141-154, jun. 1996.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo; teoria, profecia e política**. São Paulo: Ed. UFSC, 1998.

GOMES, A. de C. (coord). **Engenheiros e economistas; novas elites burocráticas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, p.124-137, jan./abr. 1997.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Tauros, 1999. 2 v.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LARSON, M. S. Acerca de los expertos y los profesionales o la imposibilidad de haberlo dicho todo. **R. de Educación** (Extraordinário), p. 199-225, 1990.

LEÃO, E. C. A sociedade do conhecimento: passes e impasses. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 152, p. 11-20, jan./mar. 2003.

LIMA, R. M. de. **A construção social da biblioteconomia no Brasil**; a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 1999.

MARINHO, M. J. M. C. **Profissionalização e credenciamento**: política das profissões. Rio de Janeiro: SENAI – Departamento Nacional, 1986.

MONTAÑO, C. **Terceiro setor e questão social**; crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**; investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

SÁ, C. P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, M. Conhecimento e metodologia. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 152, p. 21-31, jan./mar. 2003.

SOUZA, F. das C. de. **Biblioteconomia no Brasil; profissão e educação**. Florianópolis: ACB, 1997.

\_\_\_\_\_. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: UFSC-CED-NUP, 2003.

STEFFAN, H. D. Globalização, educação e democracia na América Latina. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade global: educação, mercado e democracia**. Blumenau: Ed. FURB, 1999. p. 67-264.

VALENTIM, M. L. P. O Moderno Profissional da Informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 9, p. 16-27, jun.2000.

#### **ABSTRACT**

It presents part of the analysis constructed on the subject professional identity, carried through from the supported social theory in the interaction perspective of Berger and Luckmann, communicative and discursive perspective of Habermas and representational perspective of Moscovici. It has central focus on the communicational interactions and the order of the speech that elaborates the conceptions as information society and/or knowledge society.

**KEYWORDS**: Professional identity. Social interaction.

*Originais recebidos em 24/03/2004*